

## MAIS CONFIANÇA NO CAMPO

**Roberto Rodrigues\***

O Índice de Confiança do Agronegócio organizado pela OCB e pela FIESP, referente ao quarto trimestre de 2017 mostra um discreto otimismo do setor, especialmente entre os agricultores e os fabricantes de insumos. Já os pecuaristas se encontram em posição semelhante à indústria de transformação, ligeiramente desconfiados.

Isto faz todo o sentido, refletindo uma realidade evidente no campo. Em 2017 o PIB brasileiro, depois de 2 anos de queda acentuada, teve um aumento, ainda pequeno, mas significativo, de 1%. Mais de 70% deste aumento se deveu à agropecuária, cujo crescimento foi de 13%! Tão impressionante salto se deveu a fatores conhecidos: as condições de clima favoráveis na maior parte das regiões produtoras do país e a moderna tecnologia tropical aqui desenvolvida e aplicada. Isso trouxe um recorde de produção de grãos (237,6 milhões de toneladas) cujo volume compensou a queda global dos preços. No caso da pecuária, embora a célebre Operação Carne Fraca não tenha derrubado a renda porque as exportações acabaram fechando o ano sem queda em relação a 2016, sempre ficou uma apreensão quanto aos mercados no futuro.

Quando o Índice de Confiança for apurado para o primeiro trimestre de 2018, é bastante possível que esta diferença entre agricultores e pecuaristas se acentue, por duas boas razões: a primeira é que apesar do volume de grãos produzidos ser menor que o do ano passado, o Valor Bruto da Produção agrícola não deve cair muito, porque a safra da Argentina e do Uruguai vai quebrar mais de 15 % por causa de uma seca terrível ( que, aliás, afetou também duramente os agricultores do sul do Rio Grande do Sul ); com isso, a oferta de grãos será pouco menor e os preços já subiram. Sendo assim, a renda não vai cair e a agricultura de grãos deve continuar a ajudar o PIB nacional.

A outra razão é a Operação Trapaça, que flagrou desvio de conduta da empresa BRF e de laboratórios de avaliação de qualidade na questão sanitária de carnes de frangos, e isso criou uma expectativa menos otimista para o setor de aves, potencializando a Carne Fraca. Alguns países importadores já estão cobrando explicações do MAPA, que tem agido com o rigor e a agilidade necessários. E quem vai pagar o pato é o produtor rural de carnes, especialmente de aves.

Voltando ao Índice de Confiança: quando os resultados são superiores a 100 pontos, há otimismo; se são abaixo de 100, há pessimismo. Pois o índice de Confiança do Agronegócio fechou o trimestre com o valor 100,3, raspando a base do equilíbrio.

Mas o agropecuarista teve um índice maior, de 101,8 pontos, o que já foi 8,6 pontos a mais do que o trimestre anterior. E o do produtor agrícola subiu bem mais, chegando a 104 pontos, 11,1 superior ao terceiro trimestre. Já o pecuarista, pelas razões apontadas, ficou com 95,1 pontos, um certo pessimismo.

A indústria de insumos teve um índice de 105,2 pontos, bastante positivo, refletindo o comportamento do agricultor ao longo do ano: deixou as compras

para o segundo semestre, animando o setor. Mas, na contramão, a Indústria Depois da Porteira fechou o ano com 98,6 pontos, talvez porque as margens de trading tenham sido muito estreitas. Como diz a música sertaneja: "tá ruim mas tá bom".

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio.**